

Vida nua e a produção da vida marginal: ampliando formas de pensar a psicologia.

O presente resumo aborda a relação do conceito de vida nua de Giorgio Agamben com a vida em favelas do Rio de Janeiro. Assim, a Vida Nua é uma vida produzida, sendo ela uma criação do poder soberano perante a sociedade. Logo, ela está na interseção entre dois modelos de poder, o jurídico-institucional e o biopolítico. Agamben diferente de Foucault postula uma continuidade de fundo entre o poder soberano e o biopoder, portanto a implicação da vida nua na esfera política constitui o núcleo originário, pode-se dizer que a produção de um corpo biopolítico seja na contribuição original do poder soberano. Agamben sustenta que o poder sempre fundou-se sobre a cisão entre o fato da vida (Zoé) e as formas de vida (Bios), ao isolar algo como a “Vida Nua”, objeto a um só tempo de exclusão e inclusão, submetida ao soberano e ao seu arbítrio. Ademais, a vida nua está desde o início em uma relação de exceção com o poder soberano. Desse modo, trazendo esses conceitos para realidade vividas dentro de comunidades no Rio de Janeiro fica claro como a biopolítica exerce o poder sobre os corpos, de forma que os marginalizados são essa vida nua, nua em sentido de estar despida, desprotegida de direitos que são oferecidos a todos mediante a constituição do nosso país, porém diante de um estado de exceção que exclui quem causa uma "desordem" ou não se comportam conforme as leis impostas, o homo Sacer é esse ser que é matável e insacrificável, tem essa dupla captura. Consequentemente, o homem sacro é aquele que julgado por um delito, pode ser morto sem que isso constitua um homicídio ou execução, subtrai-se à esfera do direito humano, sem por isso passar à esfera do direito divino. O poder político que conhecemos, a reivindica na medida em que, no prolongamento do regime de soberania, se dá o direito de separá-los das formas de vida, esta como contrapartida do direito a ameaça de morte, num estado de exceção permanente. Sendo ele, a figura que através de uma inclusão é duplamente excluído da estrutura da sociedade, consequentemente se tornando aqueles que estão a margem desse sistema, como os moradores das favelas que vivem dentro de uma bolha maior que seria a sociedade externa a favela e a outra bolha que fica dentro dessa sociedade, sendo a vida dentro dessas favelas.

Logo, quando acontece uma operação policial dentro das favelas ocorre praticamente uma enorme quantidade de mortes tanto inocentes quanto "bandidos", pois em nome de uma ideia de proteger a sociedade se pode fazer morrer. Assim, outro exemplo onde podemos visualizar essa ótica de fazer morrer é quando existe a pacificação de favelas onde novamente em prol de tornar uma sociedade mais segura segundo eles, se pode matar essa vida que para sociedade é matável e vira apenas mais um número de estatística, porém vivemos em uma sociedade onde se existe a lógica do "bandido bom é bandido morto". Desse modo, o estado de exceção virou norma de modo que tais mortes viram uma coisa banal e normal na sociedade.

Assim, somos todos virtualmente homines sacri, talvez a sacralidade tenha se deslocado em direção a zonas cada vez mais vastas e obscuras, até coincidir com a vida biológica

dos cidadãos. Foucault diz que quando o poder já não incide sobre um território, mas sobre uma população, a vida biopolítica e a saúde da nação tornam-se problemas políticos, que fazem o governo ser governo dos homens, resulta uma espécie de animalização do homem efetuada pelas técnicas políticas mais sofisticadas. À vista disso, cabe a reflexão, qual psicologia deve ser construída no entendimento do quanto a vida nua interfere em modos de existir?